

# e.cuit

mídia ativa

distribuição gratuita Ano IV - Edição #14 | Junho 2013

**Vitor  
Ramil**

*revisita sua obra*

*A onda recente de  
discos de rap*

*Entrevista com  
Helene Sacco*



## EDITORIAL

**Inventando a Casa**

Na entrevista aqui ao lado, a artista Helene Sacco nos conta sobre a sua “paixão por inventar lugares”, e lembra do parentesco entre “inventário” e “invenção”. Essas palavras todas – “lugar”, “casa”, “inventar”, “inventário”, acabamos percebendo, não só permeiam a edição deste mês, como toda a razão de ser do e-cult.

Nossa preocupação é, num certo sentido, a mesma de Vitor Ramil: inventar as ilusões da nossa casa. Até por isso nos entusiasma tanto tê-lo como matéria de capa este mês. Ao escrever e cantar sobre Satolep, Vitor inventa (fora de si) um lugar. Da mesma forma, quando os MCs de Pelotas rimam sobre a “Sweet Home”, também eles inventam Pelotas. E nós, quando escrevemos sobre Vitor ou sobre a “Sweet Home”, desenvolvemos sobre essas narrativas – inventamos.

Até nosso Guilherme Oliveira tomou coragem para inventar, sobre as invenções de Vitor, as suas próprias. Inventamos também um colunista novo: João Alfredo. Finalmente, inventamos de estrear, na seção de resenhas, o cinema, com o curta “O Membro Decaído”, de Lucas Sá.

Nosso trabalho, como o de todo o mundo que escreve sobre cultura em Pelotas, é ao mesmo tempo fazer o inventário da cidade (daquilo que ela tem, culturalmente) e inventá-la. Nossa paixão, como a de Helene ou a de Vitor, é reinventar Pelotas.

## EXPEDIENTE

Ano IV - Edição #14 | junho 2013 | Pelotas, RS

**Editor/Fundador**

Deco Rodrigues | deco@ecult.com.br

**Editores**

Leon Sanguiné | leonbolivar@gmail.com  
Roberto Soares Neves | rsnows@gmail.com  
José Antonio Magalhães | jamagalhaes22@gmail.com

**Diretor Comercial**

Rafael Dutra | (53) 8117-6974

**Projeto gráfico e Diagramação**

Rafael Peduzzi | rafaelpeduzzi@gmail.com

**Impressão**

Gráfica Diário Popular - Pelotas/RS

**Tiragem**

4.000 exemplares

**Foto da capa**

Pedro Dias

\*Impresso em papel imune, conforme Inciso VI, Artigo 140 da Constituição Federal\*

**Financiamento:**

ProCultura

**PREFEITURA**  
**DE PELOTAS**  
SECRETARIA DE CULTURA

# A invenção de Helené Sacco

LEON SANGUINÉ

A palavra “casa”, assim escrita e assim lida, parece ter um sentido único. É o lugar onde a gente mora. Certo. Mas e o lugar onde a gente mora necessariamente é “casa”? E “casa” necessariamente é o lugar onde a gente mora? A verdade é que, aproveitando o recente show de Vitor Ramil e a matéria do companheiro Tom Magalhães, “a casa é onde quero estar”, podendo esse onde mudar tanto em relação à lonjura besta que é o espaço, quanto à lonjura desimpossível que é o tempo.

Há em Pelotas uma artista que vive como se tocasse um piano inventado por ela mesma. Helene Sacco, professora do CA da UFPel, dá vida a objetos cotidianos e conta, nesta entrevista para o E-cult, a sua paixão por inventar lugares.

**Como a arte entrou na tua vida?**

Essa pergunta eu nunca soube responder com exatidão, mas quando lembro da minha infância, vejo que muito do que faço hoje era experimentando lá. Desde um impulso frequente por arquiteturas, engenhocas, muito desenho e uma necessidade absurda de conhecer tudo que envolvesse arte, seja artes visuais, teatro e literatura. Sempre estive envolvida com criação na escola e fora dela já trabalhando com arte desde muito cedo. O meu primeiro trabalho remunerado foi no setor de criação com apenas 17 anos.

**Tu expuseste na 8ª Bienal do Mercosul, realizada em 2011. Como foi o percurso até lá e como foi expor em um evento****de tanta importância?**

Quando recebi o convite foi num momento em que a minha produção estava implicada com questões sobre lugar. Expliquei que eu deveria criar algo para um espaço muito reduzido, e que seria uma vitrine de uma antiga fábrica de chapéus. Eu de imediato fiquei encantada com o lugar e com desafio e tinha visto durante uma viagem a Londres uma obra que até hoje me fascina que é o Gabinete de São Jerônimo, uma pintura muito pequena de Antonello de Messina, artista da primeira fase do Renascimento. Essa pintura propõe um espaço infinito. É como se o além-gabinete, a arquitetura e o mundo lá fora fossem parte de sua imaginação. O gabinete que ele ocupa na pintura me fez desmembrar essa pintura parte por parte estudando cada elemento até que encontrei nela uma vitrine e vi que poderia criar um diálogo entre os gabinetes, em que o meu seria o Gabinete Poético Urbano. Um lugar para ver e ser visto, mas principalmente para entender o que forma uma rua. Criei para esse gabinete uma mala-escrivãzinha que volta e meia se desmembrava do Gabinete-vitrine e percorria a Rua Fernando Machado em Porto Alegre, que é uma rua de arquitetura muito peculiar, repleta de lendas urbanas e histórias de vida que são maravilhosas. Esse gabinete definiu um método de trabalho que seria uma marca nas minhas produções: Os inventários de objetos e uma relação sempre muito aproximada entre as palavras inventário e invenção.

**Explica brevemente (ou não) o projeto da Casa-movente.**

A Casa-movente foi um projeto existencial para além de uma arquitetura. Passei muito tempo na vida mudando de uma cidade para outra, vivendo em muitas casas e via uma construção muito peculiar em cada nova casa que morávamos e que ela se dava em muitos planos, não só na parte física, material, mas na ordem do sensível, das relações de vizinhança, com a paisagem,



etc. Mas como mudávamos muito e não levávamos a casa conosco, me detive ao que nos acompanhava de lugar em lugar, onde as mudanças criavam um grande bloco formado por tudo de nós, os objetos cotidianos. Em cada novo lugar eles estavam lá, os mesmos, mas sob um ordem, “arranjo” diferente. Fiz uma lista dos que eu lembrava das minhas casas de infância e fui em busca em briques por Porto Alegre. A construção levou um ano, e essa casa possui tudo que é básico para o viver: água, luz, quarto, banheiro, cozinha, sala, jardim, biblioteca. Ela é móvel e toda construída de mobília, sobre rodas e é possível escolher o lugar e o tempo de permanência. Ela une paradoxos, nômades e sedentários e de certa forma coloca em crise questões muito presentes no mundo contemporâneo, como habitação, mobilidade e obsolescência extrema de tudo.

**De onde vem essa fixação por lugares?**

Nos lugares encontramos a marca do que é humano e singular.

**Eu adorei o Gabinete da Objetoteca. Conta para o público do e-cult para que eles também possam adorar.**

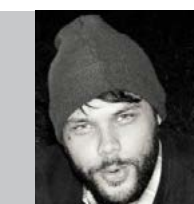
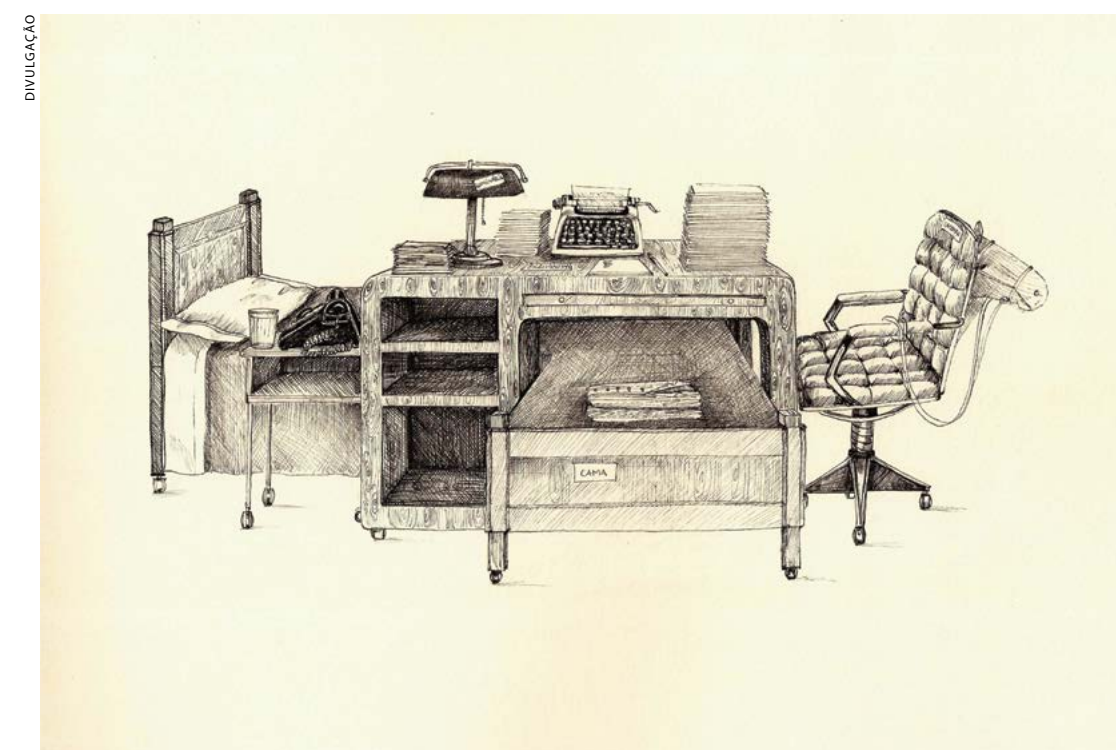
Parti para a criação desse Objeto-lugar de um arca de viagem náutica de 1912. Transformei em objeto fazendo das gavetas, estantes que eu dividi em ordens de 32 gavetas. Isso me deu espaço para a classificação de 96 espécies. Então comecei a escrever para construir, fui tentando fazer da lista de 96 classes de objetos um espaço de experiência para o público leitor que precisa, por exemplo, imaginar quais seriam as diferenças entre um objeto musical e um objeto sonoro. Junto à Objetoteca ainda tem a escrivãzinha que fica sobre a arca e nela abro a possibilidade de participação do público para colaborar com a pesquisa inventariando do seu cotidiano mais objetos. É mais um trabalho que como os outros propõe uma viagem de inventário e invenção.

**Conta um pouco sobre o Inventário no prédio da Brahma.**

Foi um desafio, pois não há quase nada lá. Pensei em procurar pelas marcas do prédio, que são quase como cicatrizes, ferimentos do abandono. Foi um trabalho que fazia um movimento que levava o público a olhar mais o lugar do que os desenhos que beiravam a abstração. Desenhei um objeto-ferramenta, a caneta que fez os desenhos no espaço, numa dimensão muito grande de num nicho da parede e ele passava quase despercebido em meio ao desenho que o espaço já oferecia. Foi um trabalho que tomava as marcas do tempo como desenho. E esse espaço, por ter sido inventariado em desenho, levava a carimbada na parede com a marca de LUGAR-**INVENTADO**.

**Qual a importância de projetos como o “Lugares-Livro”: Dimensões materiais e poéticas, que estás organizando?**

Esse projeto de pesquisa procura pensar o livro como espaço assim como uma arquitetura. Livro é um lugar no qual um leitor habita. Propomos então a produção de livros de artista na modalidade de livros únicos e múltiplos em edições pequenas e independentes. Acredito que esses espaços proporcionam para o artista uma autonomia frente às instituições e é uma forma de expandir as fronteiras de visibilidade da produção.

**João Alfredo**

João Alfredo é um desenhista daltônico em poesias disléxicas

**Antes disso tudo, tequila gold**

E lá estava eu indo embora.

Antes disso, discutia qual era a maneira mais ridícula de se vestir com calças rosas. Mas penso que isso certamente não é ridículo, pois ninguém as usa, e o ridículo pertence a pessoas que existem, não a fantasias. E assim o ridículo é observado. Antes disso, confraternizávamos a ideia de que os menos seletos tipos foram açoitados pela incontinente flatulência que conceituamos música ruim, que se segurava dentro de nós e se transformava em uma árdua comoção coletiva. E antes disso, observava diferentes figurinhas, por vezes repetidas, em diferentes dress codes noturnos. E antes disso, eu desfilava como um arremedo aparente de Sargento Pincel para desviar o ameaçador interesse que um mal elemento poderia ter em abordar.

E lá estava eu indo embora.

Antes disso, beije a garota mesclada à maré de pessoas camufladas daquilo que não admitem pertencer, embora cultivem não só o riso, mas uma situação da qual venha natural a gargalhada - como se essa liberação orgástica gutural não fosse o nível mais extremo de aprovação. Rir é tão bom quanto raro. E antes disso, vi especialistas em exibicionismo perante a convivência dos seus iguais. E antes disso, lembrava os momentos ridículos de infância quando brincávamos desaviados da influência da música ruim, que alimentava a vinda nostalgia, que desenvolveria um senso de que tudo dura cada vez menos.

Antes disso, me senti envergonhado por ser ignorado por uma convencionalmente chamada amiga que diz gostar de indie rock, indie folk e folk rock. Ela me fez me dar conta de que a sua aparência de blog brincava com as aparências ecumênicas do ridículo; como se não fosse o suficiente, buscava proteção na ironia, decorava letras de música ruim, fritava horas trocando vídeos de tosques e no final se sentia segura pra imitá-los. Por fim, ironicamente, era mais roquenrol que as bonitinhas. Nunca pensei muito sobre isso, mas na hora lembrei de um artigo sobre como a explosiva indústria da música ruim traz a visível iniquidade estilística, a vaga durabilidade, a regularidade que se finge de cronologia, a virtuosa disputa de audiência, a franqueza e a energia que deixaria em crise de meia idade o Bom e Velho Roquenrol. Claro, não era o mesmo blog seguido pela mocinha de óculos.

Antes disso, vi pessoas se divertindo freneticamente, totalmente entregues àquele fenômeno catártico. E antes disso, abracei uma pessoa que é ridícula naturalmente e, quando busca aprovação, finge tentar ser mais, acabando por se entregar e caindo em duplo sucesso. E antes disso, me dei conta de quanto tempo eu passo selecionando uma playlist que renega esse tipo de estética e como esse projeto era maculado naquele ambiente. Por água abaixo é pouco. Antes disso eu pensei que estava me sentindo ridículo por gastar minha grana pra entrar num lugar onde deveria bancar o ridículo de propósito, sendo que eu podia ser ridículo de graça.

Antes disso, entrei na Biobrega.



# Satolep revisitada

JOSÉ ANTONIO MAGALHÃES

Há um momento chave na carreira de Vitor Ramil quando ele deixa o Rio de Janeiro e volta para Pelotas, simbolicamente acompanhando a busca da “estética do frio” que começava a se formular na sua cabeça, e viria a se expressar no ensaio de mesmo nome. A ideia era procurar, no clima frio, as bases para uma estética que não pusesse o sul na periferia do Brasil, mas no seu próprio centro. Sua discografia, portanto, pode ser dividida em dois ciclos, antes e depois dessa virada que se concretiza em “Ramilonga”, de 1997, mas já se anunciava no disco “À Beça”, de 1995. Vitor tinha lançado três discos antes disso, o adolescente “Estrela, Estrela”, o radical e expansivo “A Paixão de V Segundo Ele Mesmo”, e “Tango”, em que investe nas letras.

Com o retorno a Pelotas, a estética do frio tem suas primeiras manifestações na novela “Pequod” e em “À Beça”. O disco, paradoxalmente, é quente, movimentado. Vitor conta que seu público, que esperava dele hinos como “Loucos de Cara” e “Joquim”, recebeu mal canções como “Não É Céu” e “Foi no

Mês que Vem”. Como Bob Dylan quando ficou elétrico, Vitor foi acusado por fãs de ter se vendido, ficado pop. Na verdade, a busca era por liberdade. “Eu achava que tinha que experimentar com coisas variadas. Deixei claro que eu não ia me escravizar ao gosto do público.”

O choque valeu a pena. Conquistar essa liberdade permitiu a Vitor explorar o universo da canção popular mais a fundo. Pouco depois, ele apresenta, em

Com mais de 30 anos de carreira, nove discos e três livros, Vitor Ramil lança agora “Foi no Mês que Vem”, disco duplo com versões novas das suas principais canções, e um songbook acompanhado de biografia. O momento é, portanto, de olhar para trás e avaliar o que representam o percurso e a obra do nosso grande artista pelotense.



“Satolep me deu liberdade para falar da cidade que eu idealizava”

“Ramilonga”, uma modernização sem precedentes da canção gaúcha, até então freada por um tradicionalismo exacerbado. A seguir vem “Tambong”, o disco essencial dessa nova fase, em que a estética do frio se expande além do universo da milonga, canibaliza a canção brasileira, e a reinterpreta sob uma nova luz. Seguem “Longes” e “Satolep Sambatown”, expandindo esse movimento. Finalmente, com “Délíbab”, Vitor retorna à milonga na sua forma mais pura e concisa.

Uma característica da discografia de Vitor é que canções de discos anteriores reaparecem frequentemente em novas roupagens. “Estou sempre procurando a gravação ideal de uma canção”, conta. Um pouco por isso, um disco que estava destinado a meramente ilustrar um songbook acabou se transformando na ambiciosa empreitada de regravar, reformuladas e com muitas parcerias, as principais canções de uma carreira inteira. “Selecionei muito em função do que eu consegui nessas canções em termos de letra e música. O que eu consegui com elas ao redor dos anos, que de certa forma consolidou a minha linguagem. O que é

que foi, e que vai estar aí no mês que vem?” “Foi no Mês que Vem”, financiado no modelo “crowdfunding”, tem um ar de festa familiar, de celebração do que passou. Na mesma onda de comemoração entre amigos, os shows do novo disco terão canções escolhidas em função das participações geograficamente disponíveis, dependendo do local.

Mas o disco, apesar de todo o ar de balanço geral, não encerra um ciclo. O seu sucessor, que será inteiro de poemas, musicados por Vitor, da também pelotense Angélica Freitas, reconhecida nacional e internacionalmente com seu livro “Um Útero É do Tamanho de um Punho”, continua o trajeto desenvolvido até aqui. A novidade, Vitor adianta, é a introdução do seu lado engraçado que, embora aparecesse entre as canções nos shows, estava até então ausente nelas. “A Angélica me permitiu retomar o meu personagem, o Barão de Satolep, que nunca teve o seu disco gravado”, conta, lembrando o alter-ego humorístico com quem dividia o palco durante shows mais antigos. “As canções recuperam, via o humor da Angélica, o meu humor

também”.

## Inventando a cidade

Quando comecei a prestar atenção em Vitor Ramil pela primeira vez, foi por uma busca de identidade. Precisava – e isso me parece mais claro agora do que então – de ferramentas para compreender a minha cidade. “Se quiseres ser universal, começa por pintar a tua aldeia”, diz a frase célebre de Tolstói. Percebi que me identificava com muitas coisas, mas quase nenhuma local. Busquei em Vitor lentes para ver Pelotas e, com alguma surpresa, vi uma nova cidade surgir. Ela não estava situada no tempo ou no espaço, e suas ruas portavam uma camada do irreal. A subjetividade radical da poética de Vitor diferenciava pouco experiência e ilusão. À medida que eu voltava ao autor para escrever esta matéria, essa maneira de ver retornava.

Em Pelotas, se há um artista que se propôs ao papel de pensar a cidade, é Vitor Ramil. A ideia de Satolep, desenvolvida desde muito jovem, lhe permitiu dar à cidade uma dimensão mítica, ao mesmo tempo interpretativa e propositiva. “Eu gostava de ter a cidade em mim.

A entrevista completa  
estará acessível em  
[www.ecult.com.br](http://www.ecult.com.br)

## Vitor gerou uma paisagem simbólica do Sul

Mas com a seguinte reserva: era Satolep, não era Pelotas, porque Satolep sempre me deu liberdade de falar dessa cidade que eu idealizava, como eu queria que ela fosse.” Mais tarde, a ideia da estética do frio o ajudou a repensar o próprio trabalho, conectou artistas e redesenhou drasticamente o mapa cultural do Brasil para muita gente. Essa virada cartográfica se deve a uma das ideias centrais da estética do frio: a de que não estamos à margem, mas no centro de uma outra história.

Vitor “está nesse centro, escrevendo e reescrevendo Satolep e Pelotas, o Rio Grande do Sul e o Brasil”, escreve o professor Luís Augusto Fischer, em seu ótimo artigo que acompanha o songbook. Fischer fala sobre como “o frio ganhou direito à existência” através de Vitor. Sublinha dualismos entre tradição e invenção, localidade e cosmopolitismo. É bibliografia sensacional para quem se interessa em pensar sobre nossa identidade cultural.

Por isso Vitor é tão importante entre nós. Não só porque suas canções são da mais alta linha (não ficando ele atrás de um Lenine, por exemplo), mas porque Vitor povouou o campo simbólico da própria arte. Ele se adiantou a quem poderia decidir sobre a sua obra (descrever, especialmente em arte, é decidir) e propôs uma série de conceitos que permitiram não só a nós

interpretá-la, mas a ele desenvolver-lá de maneiras mais ricas. Ao fazê-lo, Vitor gerou também uma paisagem simbólica do Sul, um aparato conceitual através do qual podemos articular novas ideias, reinterpretar nossa cultura e as influências que nos cercam.

## Conexões do frio

Há em toda a obra de Vitor Ramil a consciência de uma subjetividade radical. Essa consciência da solidão, tão oposta ao senso de coletividade que caracteriza regiões mais ao norte do Brasil, tão adequada ao laicismo que compartilhamos com os uruguaios, é uma parte central do que constitui a estética do frio. Não obstante, uma das grandes contribuições dessa estética foi justamente unir as pessoas, fomentar a coletividade e o diálogo.

No documentário “A Linha Fria do Horizonte”, vê-se músicos como os irmãos Jorge e Daniel Drexler, Ana Prada, Pablo Grinot, reunidos em torno do tema. “As pessoas se acercaram, trouxeram novas ideias”, conta Vitor. Para alguns argentinos e uruguaios, para quem a milonga tinha se congelado como ritmo rural, a nova abordagem de Vitor foi uma forma de reabilitação. Ao mesmo tempo que ele redescobria a milonga sob a ótica da MPB, os irmãos Drexler buscavam a influência de João Gil-

berto. Mesmo artistas plásticos volta-e-meia aparecem partindo da influência da estética do frio, como é o caso de Nelson Felix e suas instalações espalhadas pela América Latina.

“Eu nunca transformei a estética do frio num ‘ismo’, como o tropicalismo”, conta Vitor, “Os irmãos Drexler criaram o tem-pladismo (referência ao clima temperado), que é uma espécie de ‘ismo’ para a estética do frio, mas eu sempre achei que se eu fizesse isso eu ia engessar a ideia. Eu queria que ela ficasse em aberto, que as pessoas pirassem em cima dessa ideia, trouxessem suas contribuições”.

No seu romance “Satolep”, Vitor deu vazão ao que era um desejo seu: fazer parte de um grupo. Com o tempo, a estética do frio fez do desejo realidade. Não só os irmãos Drexler, com quem não raro se encontra, mas gente boa de Pelotas mesmo acabou se aproximando do campo gravitacional de Vitor. A matéria de Ronaldo Bressane para a Ilustríssima, que circulou bastante na internet cultural pelotense, formava uma trinca com Vitor, Angélica Freitas e o cartunista Odyr Bernardi. Os três, além de estarem colaborando com um “Livro das Ilusões Pelotenses”, têm em comum outros pontos. Todos fizeram o estranho caminho de voltar dos grandes centros para produzir em Pelotas. Todos são reclusos e aproveitam o ambiente pacato para imergir



profundamente no que produzem. Formou-se em Pelotas essa cena sui generis: um grupo de artistas que não saem de casa – mais ou menos o oposto do que esperamos de um ambiente cultural efervescente.

“Essa cidade é muito favorável à criação, ao ambiente criativo. Essa coisa da reclusão é um traço nosso. Não é à toa que a gente se aproximou”, comenta Vitor. Esse retraimento não é só um modo de vida – tem a ver com uma postura diante

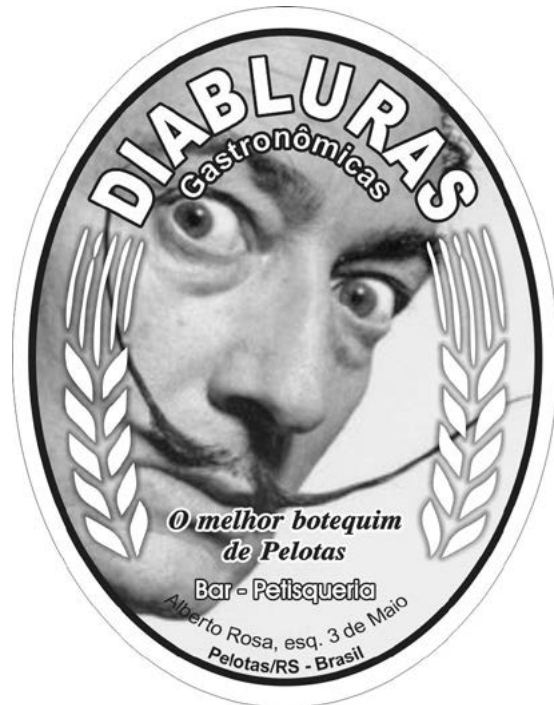
da arte. Angélica fala em “contenção” no processo criativo, o que lembra as “sete cidades” de Vitor: “rigor, profundidade, clareza, concisão, pureza, leveza e melancolia”. A demora sobre a obra, ao contrário da criação espontânea e bagunçada, está relacionada com a reclusão e com a volta ao ambiente pacato do interior.

“No Rio, eu estava num apartamento que eu tinha alugado, mas aquilo não tinha muito sentido para mim. ‘Ah, tu veio aqui para vencer’. Mas o que é vencer, exatamente, na vida? É aparecer na televisão? É fazer amizade com artistas famosos? Aqui em Pelotas eu me sinto crescendo sempre a cada momento, porque o que está crescendo em mim sempre é o desejo de criar. É como se fosse uma coisa em permanente construção, e se eu me afastar daqui é como se ela se quebrasse”, conta Vitor.

Quanto ao futuro da estética do frio, Vitor revela que ela ainda está longe de ficar estática: “Eu agora estou me preparando para voltar a escrever sobre a estética do frio, porque ela já está em um estágio em que ela mudou. Ela já está sendo outra coisa, se desenvolvendo. Ela já está, na verdade, se tornando o que ela era.”



“Estou sempre procurando a gravação ideal de uma canção”





# Menos e melhores rimas

## Novidades no rap pelotense indicam aposta na qualidade acima da quantidade

ROBERTO SOARES NEVES

Depois de muitos anos escondido nos guetos, falando apenas para os seus pares, e mais alguns de expansão desenfreada, alguns dos principais nomes do rap pelotense apontam para uma nova fase de seletividade no gênero. Desde o ano passado, e especialmente nos últimos meses, vários discos e mixtapes vem sendo lançados em CD ou na internet, reunindo trabalhos que levaram mais tempo e cuidado para ficarem prontos do que de costume.

A popularização do rap, não só em Pelotas, como no país inteiro, coincide com a (ou se alimenta da) facilitação do acesso aos meios de gravação de música. Já há alguns bons anos, basta ter um computador rodando o FL Studio (ainda popularmente conhecido como FruityLoops) para qualquer moleque virar aspirante a Emicida. Para dar vazão a essa produção, as redes sociais completam o serviço. O resultado é que a gurizada se emociona, grava e lança freneticamente tudo que quer.

### A sede e a carência

Esse upgrade na liberdade de expressão rendeu frutos para uma geração que hoje prefere focar na

qualidade acima da quantidade. Vários vieram do K-Zero Alternativo, coletivo por onde passaram vários MCs e que gerou pelo menos um especialista em produção caseira: Pok Sombra. Além de soltar a sua mixtape “Aonde Vou Chegar” no começo do ano, ele produz beats e canta em vários outros trabalhos. “Essa parada de produzir veio da carência, de não ter as batidas. De a gente baixar uma batida na internet, gravar e, na hora de ir nos eventos, tinha outros caras cantando com a mesma batida”, ele lembra.

Um dos trabalhos com o dedo de Pok Sombra é a mixtape “Luz”, de Zudizilla, que saiu primeiro na internet e ganha as ruas esse mês. Zudizilla é crítico do “discurso prolixo”, mas se considera “um dos culpados” pela situação atual, junto o K-Zero Alternativo. “A gente não se importava com a qualidade, só com o fazer rap. Mas isso foi há seis anos. Ou seja, não dá mais pra pensar da mesma maneira. Ainda mais porque na época tais equipamentos não eram acessíveis”. Campeão pelotense de crítica, ele tem uma visão destoante do momento. “É comum MCs dizerem que fazem por amor, de cada dez, nove cantam isso. E

nenhum passa por isso. Se fosse mesmo por amor ao rap, fariam o seu melhor. Mas não, nego só faz e já eras”.

O yang do yin de Zudizilla é Garcez DL - a “NaturezaAÇÃO” de Garcez, lançada em abril, inclusive compartilha com “Luz” a produção de Matheus Menega. Garcez é mais um k-zero, que tem tentado utilizar o conceito de “sweet home” para unir o cenário rap local. Uma das suas ideias foi dar espaços de tempo entre cada lançamento. “Acredito que, com geral se ajudando, a parada vai mais além”, afirma.

No mês passado, o grupo TrêsUmDois entrou para o time dos seletivos, com a mixtape “Resistência”. Perelló, membro e produtor do grupo, conta uma história semelhante. “A gente ia lá, largava dez sons em 20 dias, naquela sede do início, de fazer rap. Mas aquela parada de mixagem, de estudar o som, de parar pra fazer uma coisa limpa, ao nível que a gente goste de ouvir, a ‘Resistência’ é a primeira”. Ele também faz beats para vários outros MCs, mas diz que não se considera um profissional.

E bem antes desses, outra geração já desbravava o mundo do rap partindo da Princesa. Há 16 anos na batalha, Guido

CNR é fundador do grupo que viveu a transição entre os momentos distintos do rap local, a Banca CNR. Com a Banca foram quatro discos. No ano passado, Guido lançou a mixtape solo “Fúria”, e esse ano tem algumas novidades na manga. Com o CNR Produções e a experiência acumulada, ele também é um grande incentivador das novas gerações. “Quando comecei, não tínhamos apoio nenhum. Eu sei das dificuldades de quem começa e, como eu tinha suporte pra apoiar os moleques, não ia me custar nada. Hoje tá aí um Bloodfill da vida, um Pok Sombra, sem falar de outros que cresceram dentro do meu estúdio, como Tropa FDG, entre outros, que só deram orgulho”.

### A magia e o acabamento

Quem acredita que tem o que dizer e não pretende se autoproduzir, tem a opção de trabalhar com nomes que se notabilizaram exclusivamente pela produção e criação de beats, como DuckBeatz, M2 e Nick Beats. O produtor Paulo Celente vem organizando a coletânea Satolep Rap, só com faixas produzidas no seu estúdio em Pelotas. Ele diz que a demanda no estúdio aumentou, mas faz

coro com Zudizilla ao reclamar de MCs que fazem apologia a “drogas, baladas e dinheiro”. Com 11 anos de experiência, ele lembra que antes da popularidade “teve também muito sofrimento, preconceito. Diziam que não era música. Só que tem toda uma magia por dentro”.

Além do pessoal daqui, Matheus Menega já trabalhou com BNegão, Duke Jam e RZO. Recentemente levou seu estúdio pra Porto Alegre e agora foi parar em Barcelona, onde prepara seu próprio disco. Ele trabalha com outros estilos e apoia o movimento de qualificação que aplica nas próprias produções. “Eu penso que o rap é maravilhoso, as ideias, as letras, a postura. E acho importante aliar isso a um bom trabalho de acabamento”.

Nos próximos meses, o ritmo promete seguir acelerado. Devem dar as caras discos e mixtapes de nomes como NG Máfia, Bloodfill, Nossile, Tiago Vandal, Maninho RH e da própria Banca CNR, além de alguns dos supracitados. Você confere a seguir mais detalhes sobre algumas das principais produções recentes de rap em Pelotas, todas encontradas facilmente na internet.

JJ MAURICIO



### Dirty Lion - NaturezaAÇÃO

A consciência social e ecológica do reggae aditivada de MPB, soul e inteligência. Trabalho solo de Garcez, o Dirty Lion chama atenção pelas letras que não só enumeram problemas como apontam soluções. Aparecem soltas em “NaturezaAÇÃO” referências a pensadores diversos, dos acadêmicos aos de rua. É seu primeiro disco, produção de Matheus Menega. Em meio aos beats, tem bateria, teclado e sopros gravados por músicos, além de participações de Lara Rossato, Jimmy Luv e dos colegas de K-Zero Alternativo. O disco saiu em abril e vem com sementes de ipê amarelo - o amarelo, em contraste com o verde, foi escolhido para simbolizar a vontade de fazer a diferença. Ganhou resenha no nosso site.

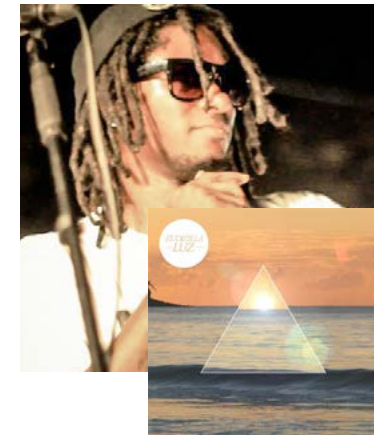
DIVULGAÇÃO



### Pok Sombra - Aonde Vou Chegar

Elemento fundamental do K-Zero Alternativo, produtor, beatmaker e incentivador de vários, Pok Sombra já tinha lançado “Meu Caminho” em 2009 e desde então vinha preparando a próxima mixtape. Por problemas do mundo das gravações caseiras, “Aonde Vou Chegar” teve sua produção reiniciada duas vezes. Liricamente, é uma viagem pelo mundo de Pok Sombra, pensamentos, sentimentos e a vida nas ruas da sweet home. No vocal e nos beats desfilam vários nomes do rap local, e a variedade se reflete no som, de inspiração soul, ora calmo, ora nervoso, com espaço pra reggae e guitarra distorcida. Como Pok Sombra não esteve parado nesse tempo, “Aonde Vou Chegar” deve ser sucedida em breve por um disco em parceria com o produtor curitibano Dario.

MÍDIA CASA FORA DO EIXO PELOTAS



### Zudizilla - Luz

O lançamento de “Luz” na internet rendeu a capa da nossa edição de março. É a grande declaração de princípios de Zudizilla, um salto do “estilo foda-se” para um discurso de razão e iluminação - sem largar nenhum dos dois, obviamente. Mixtape calcada no soul, com beats quase totalmente autorais. A produção de Matheus Menega é a própria definição da busca por um nível inédito de profissionalismo e qualidade. O disco físico tem festa de lançamento marcada pro dia 26.

RAFAEL BARROS



### Guido CNR - Mixtape/DVD Fúria

Foram 15 anos e quatro discos com a Banca CNR para Guido chegar ao trabalho solo. E ele acumulou bastante raiva nesse tempo. A mixtape “Fúria” foi lançada no ano passado, e o DVD gravado em show com a praça Dom Antônio Zattera lotada, em janeiro. Na mixtape, os títulos das faixas (“Fúria”, “Entre o Crime e a Revolução”, “Prisão”, “Soldado Cansado”) já mostram o que vem pela frente: aqui a temática é a luta, seja pessoal, seja a do povo do gueto, seja no esporte (em “O Jogo”). A atmosfera sonora, naturalmente, é sinistra. Para os próximos meses, Guido prepara mais dois projetos: “Loucos, Viciados e Revolucionários” e o Projeto G2, parceria com o colega Glauco CNR.

DIVULGAÇÃO



### TrêsUmDois - Resistência

O TrêsUmDois começou com os frequentadores da casa de número 312, onde fizeram as primeiras gravações. Essa evoluiu, mudou de lugar várias vezes e deu origem ao Kafofu Records. Hoje em dia, o TrêsUmDois é formado por Perelló, CJ, Bova, PJ, Luã e Raí. Naturalmente, a música se forma da junção das personalidades do grupo, embaladas pelos beats de Perelló. “Resistência” tem 23 faixas que primam quase sempre pela suavidade. Veio driblando obstáculos desde o começo de 2012, para sair no mês passado.

DIVULGAÇÃO



### Bloodfill - Filósofos do Amanhã

Mixtape do ano passado, mais uma que deve ganhar um trabalho sucessor em breve. De qualquer forma, vale a referência, pois sempre é tempo de conferir a sagacidade das rimas de Bloodfill. Pra ficar só nas referências, em “Filósofos do Amanhã” ele consegue emendar nas ideias Joana d’Arc, Sarney, Dragão Branco, Hollyfield, São Silvestre e Castlevania. Beats tradicionais e a presença ilustre de Pok Sombra em várias das faixas.

JHULY BORGES



### Johnguen - EP Números

A intensidade no show de Johnguen e seus comparsas de Aedyz Crew vem chamando atenção desde 2011. A voz rasgada e o clima sinistro se transportam para esse EP que vem sendo lançado aos poucos na internet desde o ano passado. “Números” é a representação sonora de um pesadelo. Os títulos das músicas são de fato números (“6”, “20”, “111”) e as letras em geral são igualmente tensas, como deve ser a mente do MC que as escreve.

### Guilherme Oliveira

Guilherme Oliveira é professor aposentado. Por designios de uma teodiceia qualquer, atualmente lida com especulação imobiliária. É muito rico.

### A obviedade da estética do frio

Na real que até pouco tempo eu sequer conhecia o trabalho do Vitor Ramil. Lembro de ter-me deparado com algumas músicas do “Longes” à época de seu lançamento, mas eu tinha meus quinze anos de idade e de pronto abandonei o disco em algum canto. Acho até que se interessar por guitarras e barulho através de cabeludos maquiados com traços femininos e roupas de couro enfiadas no rego cantando sobre mulheres, irresponsabilidade e drogas é um negócio que faz muito mais por um adolescente do que faria qualquer estética transcendental (Kiss > Kant).

Do mesmo modo, os discos subsequentes também passaram despercebidos. Eu me voltei ao trabalho do homem apenas há algumas semanas, sob uma chave de braço retórica inescapável: *acho que tu só não escreve sobre o cara porque tens medo*. Então é o seguinte, vamos mentalizar esse momento bom que estamos tendo aqui e esquecer o mundo lá fora com toda aquela fetichização infantiloides da personagem célebre que nós fazemos. Vamos nos concentrar no seguinte: o Vitor Ramil, antes de alentar nossos espíritos neoclássicos de fachada, fornece-nos desde sempre, através de sua estética do frio, a obviedade. “Obviedade”, porém, não apenas não diz o mesmo que “óbvio” como também diferencia informando em uma contraposição relacionada a ele.

O óbvio, no popular, é o evidente, o que está dado às vistas: é o elefante na sala. Gramaticalmente, entretanto, a obviedade é a transformação desse adjetivo, que qualifica aquilo que estaria no meio do caminho (ob-via) dificultando o movimento, em estado (como obstáculo, e.g.). Já o verbo “obviar” diz o seguinte: desviar antecipando, prevenir atalhando. A obviedade que atribuo ao Vitor Ramil, por conseguinte, é aquela da suspensão que mantém o óbvio em situação retraindo -o na direção de sua abertura: é, por um lado, a frequência do recolhimento na “subjetividade radical” (não o eu, mas sua denegação) e, por outro, o extermínio do caminho ou da via.

Assim, Vitor Ramil parece-me ter sempre trabalhado desde o que frequentava a sua frente, mas sem jamais se ter entregado a essas facilidades convencionais: seu trabalho sempre se deu desde a diferenciação, principalmente de sua própria composição, reconhecendo a capacidade de dar caminho daquilo que lhe afrontava: abrindo, a fronteira, cada vez, encaminha. E já não se viu isso tantas vezes? Há delíbiabok que encaminham Borges a João da Cunha Vargas, fronteiras que entremem Pelotas a Satolep e centros para outras histórias, configurando-se, cada vez, desde atalhos e desvios, negando os caminhos instituídos e encontrando sínteses temporárias, que também não demoram a ser revisitadas.

Assim, a operosidade continua da fronteira no pensamento de Vitor Ramil, aquilo que afronta encaminhando, não apenas dá conceitos para repensarmos cada vez o que nos vem, mas encontra o ethos bastante peculiar do *quitarse de en medio*: o eu e o outro seguem juntos seus caminhos separados na fronteira.





## O Membro Decaído (2012)

ROBERTO SOARES NEVES

**A** sexta feira, terceiro dia da Janela de Cinema de Pelotas, que se desenrolou no Centro de Artes da UFPEL no mês passado, foi uma experiência difícil, ainda que prazerosa. Antes de chegar ao tão aguardado “O Som Ao Redor” - em si um filme de digestão não tão simples -, quem esteve no auditório do Cearte passou antes pela pedreira de “Trabalhar Cansa”, que lida com ideias semelhantes de tensão social, mas de forma mais esparsa. Exclua-se o social e ficamos com a tensão pura, o elemento-chave de “O Membro Decaído”, curta-metragem que inaugurou o dia.



“O Membro Decaído” pode ser chamado de uma produção conjunta entre Pelotas e São Luís. Foi filmado na capital maranhense, terra natal do diretor Lucas Sá, a partir de roteiro próprio, durante as férias do curso de Cinema da UFPEL. O elenco é composto de Gabriel Coelho, Laura Sá, Verbena Régina, Guilherme Borges, João Marcus, Seu Mingau (?) e Gabriel Magalhães. Todo o processo posterior foi feito em Pelotas. Desde então (o filme é do ano passado), já foi exibido em 30 festivais ao redor do mundo.



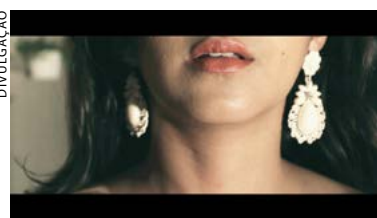
O ponto de partida é um “acidente” entre uma moto e um carro, e a frieza com que o protagonista (Gabriel Coelho) reage ao resultado. Apesar de se apoiar pontualmente na violência, é a tensão que comanda os 17 minutos de filme. Desde o começo, antes do acidente, o espectador sente que algo está errado. Para atingir esse resultado, o diretor nega as saídas que facilitariam uma identificação. Há muito pouco de trilha sonora e diálogos, e as faces dos personagens são vistas apenas de relance. Ninguém aparece falando. Os enquadramentos sufocam e deixam saber apenas superficialmente o que está acontecendo.

Alguns elementos servem como contraponto pseudo-humorístico ao resto do filme: o locutor e a música que aparece esporadicamente, no rádio do carro, invariavelmente brega (incluindo a oitentista “Voyage, Voyage”, convenhamos, brega); o momento em que o protagonista sem senta pra assistir televisão, quase um show de humor involuntário oferecido pela TV brasileira; o lendário Guaraná Jesus, coadjuvante da história, e sua peculiar coloração. Mas,

envoltos pelo silêncio, o que estes provocam, afinal, é um riso amarelo, nervoso.

Quem não sabe que é o filme de um estudante e não tem o olhar treinado, fica sem saber. A história é contada em fragmentos, enquanto, sem se prestar atenção, parece que nada acontece - o que não impede o desconforto. E nos detalhes Lucas mostra que sabe o que está fazendo. O close na porta da geladeira que o protagonista não deixa fechar vale um Rivotril. O próprio membro que dá nome ao filme só salta realmente aos olhos na segunda aparição - e aí sim, assusta.

Após mais um surto relâmpago de violência, o final se anuncia com a pérola “Prometemos Não Chorar”, de Barros de Alencar, enquanto o Guaraná Jesus tem a sua segunda glória. A canção ganha um novo sentido, de humor sádico. É um trunfo que muito fique por ser explicado: ficamos todos à mercê das sensações acumuladas até ali. Dependendo do tipo de humor de quem assiste, pode ser momento de alegria, alívio ou revolta. Naquela sexta feira, houve quem não conseguisse levantar da cadeira.



# ecult .COM.BR

### Rolou no site esse mês



0º de Cláudio Maciel na Casa Paralela



Entrevista: Renato Cabral por Guilherme Oliveira



“O Liberdade” recebe prêmio de destaque gaúcho da ACCIRS



Festival Canguçu da Canção Popular divulga jurados da edição 2013



Moda é destaque no Museu da Baronesa

EM AGOSTO

DECO RODRIGUES

Tres  
CONTRA TODOS  
www.facebook.com/TresContraTodos